

APRESENTAÇÃO DE ISABEL SOARES. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES.

As mulheres no Poder local

“Uma experiência, uma carreira como autarca”

Convenção Regional do PSD, Junho de 2009

Gostaria de começar hoje esta minha comunicação dizendo: «Ainda me lembro de ser a única mulher presidente de câmara no Algarve»... A verdade, porém, é que continuo a ser a única mulher presidente de Câmara eleita no Algarve e a exercer funções!

Passaram-se já onze anos desde que tomei posse, mas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que se dedicam à vida política, quer a nível nacional, quer a nível local, ainda que experienciadas de modo diferente continuam a marcar presença, afastando muitas possíveis candidatas, mulheres com grande valor e com competências extremamente necessárias ao desenvolvimento social, político e económico do nosso país e da nossa região. Essas mulheres têm, com certeza, vidas muito idênticas à minha, mas não puderam, talvez, contar com os apoios e os estímulos que eu tive, quer da família, quer dos amigos, quer dos órgãos do meu partido, para poderem avançar e ser protagonistas da transformação que sonham para o nosso país.

Esta minha aventura pessoal começou precisamente em 1991. Nessa altura, eu leccionava a disciplina de Geografia na Escola Secundária de Silves e era, já, Directora desse Estabelecimento de Ensino. Recordo perfeitamente os detalhes do convite que me foi feito e partilho-os convosco: estava em minha casa, com algumas colegas da Madeira, com quem fazia um intercâmbio de alunos e toca à minha porta o então líder da concelhia de Silves, que me faz o convite para integrar um grupo de pessoas que seria proposto para fazer parte das listas do PSD às eleições legislativas. Eu faria parte, caso fosse aceite pela Distrital do partido, dos nomes que iriam a votação para a Assembleia da República. Nessa altura, liderava o partido o Sr. Professor Cavaco Silva. A minha reacção inicial foi dizer não. Não tinha qualquer contacto com a política, não era militante do partido e não me pareceu apelativo, nesse momento, vir a sê-lo, mas as colegas que estavam comigo motivaram-me, insistiram na validade da proposta que me era apresentada e acabei por ser persuadida a dizer que sim. Logo após este episódio, parti em viagem para a Dinamarca, onde participei numa Gimnastrada e nunca mais me lembrei deste assunto. No dia em que regresssei, um mês depois, tinha à minha porta o líder da concelhia, para me dizer que o meu nome tinha sido aceite e que integraria as listas nacionais para as eleições legislativas, em 9º lugar. Fiquei,

igualmente a saber, que só não fui colocada em 5º lugar (que me permitiria ter sido eleita), porque uma outra candidata tinha imposto a sua "antiguidade" no partido...

Desde esse momento, não mais deixei a política. Poderia dizer, como se diz habitualmente nestas ocasiões, que "foi um bichinho" que me mordeu e nunca mais me livreu dele, mas isso seria minimizar as minhas reais e verdadeiras motivações, bem como todos os apoios e incentivos que fui recebendo ao longo destes 17 anos. Se inicialmente a minha participação na vida política poderá parecer fruto de um acaso, reflectindo bem e analisando todo o meu percurso de vida, posso dizer que a política era algo natural em mim, se entendermos a política como uma acção motivada e direccionada para o bem comum. Recordo-me de ver a família e os amigos apontarem-me, desde muito cedo, características de liderança e de propensão para a intervenção. Inconformismo – talvez seja a palavra que melhor defina a minha urgência em tornar as escolas por onde passei mais dinâmicas e mais modernas ou a minha urgência em trazer a minha cidade natal a um patamar de desenvolvimento compatível com o século vinte e um.

Desde esse primeiro momento, envolvi-me. Percebi que trabalhar na política era uma estratégia para participar na mudança e ser sua agente e não recusei integrar um partido no qual acreditava e que assentava, em termos ideológicos, nos valores que também me eram pessoalmente caros.

Rapidamente, em termos partidários, passei a integrar as estruturas regionais, sendo primeiro Vice-presidente da concelhia de Silves e depois Presidente desta estrutura, cargo que ocupei até 2006. Fui, também, Vice-presidente e Presidente da Mesa da Assembleia da Distrital e Presidente da Distrital por duas vezes.

A nível nacional, posso dizer-vos que integrei as Comissões Políticas do José Manuel Durão Barroso e do Pedro Santana Lopes. Nesta estrutura, inicialmente éramos apenas duas mulheres e, por fim, já éramos cinco, como podem observar pelas fotos que vos trouxe.

Também fui candidata em 1994 ao Parlamento Europeu. Em 1999 propuseram-me, de novo, integrar as listas das eleições europeias, dessa feita, em lugar elegível, assim como me integraram, em 1995, nas listas para as eleições legislativas, mas sendo já Presidente de Câmara, considereei não ser muito leal para com os meus eleitores aceitar qualquer um destes cargos que obrigatoriamente me levariam para fora do concelho. Apesar disso e depois de muita insistência, em 2002 acabei por ser a cabeça de lista pelo PSD -Algarve nas eleições legislativas.

Assim, a minha prioridade, desde 1993, tem sido a política autárquica.

Nas eleições que decorreram nesse ano, as primeiras a que me candidatei já como cabeça de lista pelo PSD de Silves, acabei por perder para o Partido Comunista, sendo, no entanto, a primeira vez que o PSD recolhia uma votação expressiva e que me colocou como Vereadora não permanente no Executivo, cargo que exerci e que me serviu, por assim dizer, de "escola" para todo o meu percurso seguinte. Fiz sempre questão de participar em tudo, colaborar em tudo e, ao mesmo tempo, mantinha a minha actividade enquanto Directora da Escola Secundária de Silves.

Em 1997 volto a concorrer e, dessa feita, venço as eleições, sendo eleita para o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Silves. Pela primeira vez, na história política do Algarve, havia uma mulher a ocupar tais funções: uma entre 15 homens, que inicialmente me olharam, como costume dizer, "como a flor" que faz falta para embelezar um salão, mas que rapidamente perceberam que não era esse o meu objectivo. Vinha cheia de energia para trabalhar e para alcançar, para o meu concelho, uma visibilidade que pudesse funcionar como uma mais valia em termos sociais, económicos, culturais e turísticos. Era preciso fazer muita coisa e essa consciência assustava-me, não muito, mas ao mesmo tempo, serviu-me de estímulo para procurar encontrar soluções. Não havendo muito dinheiro nos orçamentos do Município era imprescindível candidatar-mo-nos a todas as verbas comunitárias ao nosso alcance e, desse modo, foram nascendo novas escolas, novas estradas, novos espaços de lazer, equipamentos desportivos, enfim, foi-se dando respostas a muitas das necessidades existentes.

Presente na minha consciência esteve sempre uma outra preocupação: criar equipas técnicas jovens e dinâmicas, que incluíssem, naturalmente, elementos de ambos os sexos, para que as perspectivas de análise fossem complementares. Por isso, também tinha na Assembleia Municipal um apoio seguro, sendo esse órgão autárquico presidido pela cabeça de lista do PSD, outra mulher, a Dr^a Maria José Grade.

Em 2001 volto a candidatar-me e venço novamente, bem como em 2005, sempre com margens de votação folgadas, como podem apreciar nas tabelas que agora vos mostro.

Percebi que ser autarca implica ser capaz de conduzir os processos de modo seguro, chutando bem alto as dificuldades, arregaçando as mangas e enfrentando, devidamente equipada e com segurança, quaisquer dificuldades. Ser autarca é um permanente desafio, que conscienciosamente, nos leva a plantar as sementes que darão bons frutos para as nossas populações. Ser autarca implica comandar, avaliar, planificar.... Tudo, menos cantar, que

disso não sou capaz, embora as aparências enganem! Ser autarca é, sobretudo, estar disponível para estabelecer parcerias e ouvir todos os que podem contribuir para melhorar o nosso mundo, bem como estar alerta e preparada para tudo, para prevenida, dar resposta pronta às necessidades de quem confia em nós, de quem precisa de nós.

Este meu trabalho como autarca foi reconhecido pêlos meus pares, tendo desempenhado na Associação Nacional de Municípios os cargos de Vice-Presidente, membro do Conselho Directivo da Assembleia Nacional e Vice-Presidente da Mesa do Congresso e sendo, também Vice-Presidente e actual Vice-presidente da Mesa dos Autarcas Sociais Democratas.

Este reconhecimento do meu trabalho pêlos meus pares encheu-me, naturalmente, de alegria, mas foi o reconhecimento expresso pêlos eleitores nas urnas que mais me honrou e que continua a motivar-me, todos os dias, quando tenho de enfrentar as reuniões de executivo mais pesadas, os comentários menos próprios na Assembleia Municipal, os horários menos "normais" ou as ausências de casa.

Ser mulher na política não é, pela minha experiência, um drama ou uma vitória especial. Ser mulher e política é exercer uma actividade como muitas outras, que nas sociedades ainda marcadas por uma visão muito "masculina", podem levar-nos a sofrer algumas contrariedades, em consequência do género a que pertencemos.

O que mais importa é trabalhar sem olhar a rótulos ou "chavões", buscando credibilizar as acções promovidas e impor, como fazem os nossos companheiros homens, as suas visões. Continuamos a não ser muitas, é verdade. Os problemas apontados para justificar esta ausência feminina da vida política activa são por demais conhecidos: a necessidade de prestar apoio à família, a falta de tempo, a maternidade, a falta de apoio dos companheiros, entre tantas outras que, confesso, acabei por sentir de forma muito diluída, uma vez que tive a sorte de ter os meus filhos já grandes quando comecei a minha carreira, de ter um marido e pais que sempre me apoiaram e compreenderam as exigências da minha escolha. Naturalmente, não posso dizer que tudo foi sempre fácil ou que não tive de fazer grandes esforços de coordenação para poder estar presente, quer como Presidente de Câmara quer como mãe, mulher e filha. Todavia, julgo que muitas mulheres não esboçam, sequer, o desejo de entrar para este mundo, com receio das reacções que poderão ter e esse é um pressuposto errado, porque poderão ter surpresas, como eu tive!

Não concordo com quotas, porque acredito muito mais no mérito! Quem participa tem de mostrar valor e esse pressuposto deverá valer incondicionalmente para ambos os sexos!

Eleanor Roosevelt, mulher do Presidente dos EUA Franklin Roosevelt tornou muito conhecido um provérbio universal, que dizia: «Atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher». Eu acredito, ao invés, que homens e mulheres devem caminhar lado-a-lado, usando, ambos, o coração, a eloquência, a capacidade de trabalho e a inteligência como armas para vingar em qualquer aspecto da vida e, também, na política. O segredo para se estar bem neste mundo é somente este! E se pudermos fazer tudo com um toque de graça, de gentileza e de sensibilidade absolutamente femininas, tenho a certeza que tudo o que fizermos ficará mais bonito!

Muito obrigada.

Maria Isabel Fernandes da Silva Soares
Presidente da Câmara Municipal de Silves